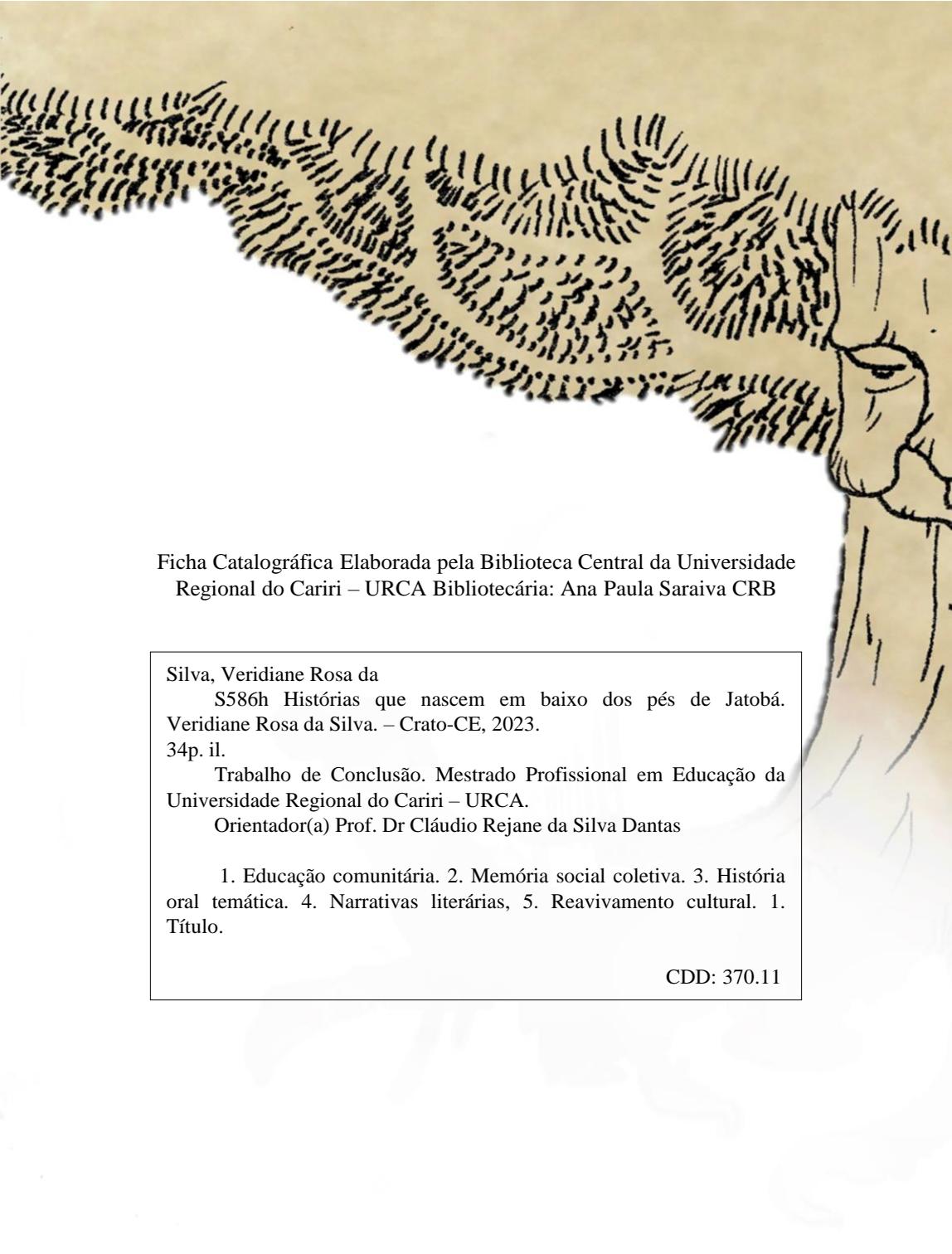


VERIDIANE ROSA DA SILVA

Histórias que nascem
embaixo dos pés de
JATOBA

ILUSTRAÇÕES
JOÃO ALVES





Ficha Catalográfica Elaborada pela Biblioteca Central da Universidade
Regional do Cariri – URCA Bibliotecária: Ana Paula Saraiva CRB

Silva, Veridiane Rosa da

S586h Histórias que nascem em baixo dos pés de Jatobá.
Veridiane Rosa da Silva. – Crato-CE, 2023.

34p. il.

Trabalho de Conclusão. Mestrado Profissional em Educação da
Universidade Regional do Cariri – URCA.

Orientador(a) Prof. Dr Cláudio Rejane da Silva Dantas

1. Educação comunitária. 2. Memória social coletiva. 3. História
oral temática. 4. Narrativas literárias, 5. Reavivamento cultural. 1.
Título.

CDD: 370.11



*Histórias que nascem
embaixo dos pés de,*
JATOBA

AUTORA
Veridiane Rosa da Silva

ILUSTRAÇÕES
João Alves

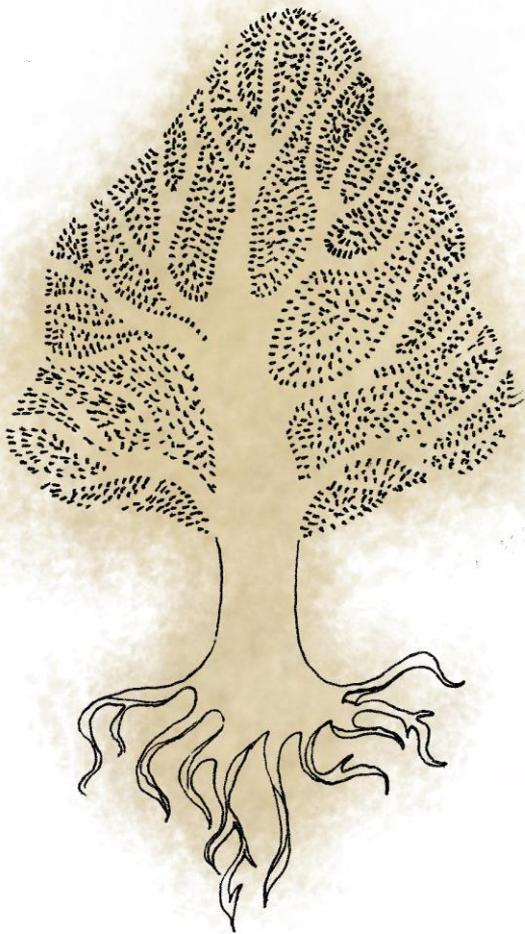
COLABORADOR
Dr. Cláudio Rejane Dantas



Índice



Dedicatória	7
Agradecimentos	8
O que há por trás de um rodopio?	12
No Sertão, criança pesca com a mão.	20
O sonho de voar	28





DEDICATÓRIA

A mamãe, in memoriam, ao meu pai por todo o amor, aos meus filhos, por me serem fonte de inspiração, ao meu esposo pelo apoio, aos meus irmãos e amigos pelo companheirismo.



AGRADECIMENTOS

Ao meu pai que sempre me incentivou a estudar, a acreditar nos sonhos.

A minha mãe, *in memoriam*, pelo seu amor incondicional, pelo exemplo de força.

Aos meus irmãos, que trabalharam junto com meus pais enquanto eu estudava, por sempre festejar cada conquista minha e me encorajar quando o cansaço chegava.

Ao meu companheiro, Alessandro Moura, pelo exemplo, por todo apoio e, principalmente, por me fazer acreditar que eu posso mais.

Aos meus filhos, Alan e Viviane, por serem tão compreensivos, amorosos e especialmente dedicados aos estudos, desafiando-me a também querer desbravar o mundo do conhecimento. Vocês me fazem ser uma pessoa melhor a cada dia.

A minha primeira professora, Ilza Maria de Jesus (madrinha Ilza).

A professora Socorro Inácio que me apresentou o ato de ler como algo prazeroso.

Aos meus amigos, Sandra Sousa, Tamara Bezerra, Artur Andrade e Rebeca Baía, pelas dicas de leitura, por todos os momentos de escuta e partilhas amorosas.

A todos os moradores da Vila Compra Fiado, por serem inspiração para essa pesquisa, em nome de Silvaneide Rosa e Sonia Sousa.



Aos meus professores do Mestrado: Dra. Sineide, Dr. Magérbio, Dr. Glauberto, Dr. Hemerson Ribeiro, Dra. Francione Charapa, Dra. Cicera Nunes, Dr. Josié e ao meu professor e orientador Dr. Claudio Rejane.

Um agradecimento especial aos meus ancestrais, o meu bisavô Canuto, a minha bisavó Ana, os meus avós paternos Manoel Canuto e Marcionília Alexandrina pela sua luta incansável para deixar as terras do Compra Fiado como herança aos que vieram depois deles.

Enfim, agradeço a essa força suprema que chamamos de Deus.



Sonia Sousa é uma das colaboradoras do Projeto Memórias do Compra Fiado; também é prima da autora desta pesquisa. A sua Narrativa, a história que vem a seguir, traz aspectos como paisagens, costumes, brincadeiras e um pouco da estrutura familiar da época de sua infância, na sua comunidade, a Vila Compra Fiado. Dentro da perspectiva de apresentar uma visão mais amplificada sobre o papel desempenhado pela mulher rural, o enredo aborda como a força braçal feminina, na roça, ao lado do marido, pode lavrar a terra prestes a receber as primeiras chuvas de veraneio. Inclusive, é a ausência da mãe em casa - e subsequente dever das crianças mais velhas de cuidar dos demais - que dá margem para a tensão narrativa desenvolvida no texto. Hoje, a autora do relato tem 43 anos, é professora, graduada em Letras - Inglês - pela Universidade Federal do Ceará – UFC e em Pedagogia, pelo Centro Universitário Cidade Verde - UniFCV, polo Juazeiro do Norte - CE. É especialista em Ensino da Língua Inglesa e também professora da área.



O que há por trás de um rodopio?

Há muito, muito tempo, em um tempo não tão distante do agora, morávamos eu e minha família numa comunidade rural que, curiosamente, até hoje, atende pelo nome de Compra Fiado. Eu, a segunda filha do casal, seguida de mais quatro irmãos com idades muito próximas, parecíamos até uma escadinha! Morávamos numa casa antiga, alta, com cômodos grandes, que para nós, tão pequenos, eram do tamanho do mundo, ainda mais que contava com um alpendre bem na frente. A casa ficava próxima da estrada que levava à cidade, logo depois dela, um pomar... goiabeira, bananeira, coqueiro, limoeiro, laranjeira, e claro, mangueira.

E do lado direito? Pés de jatobás, altos, sombreiros, eram o ponto de encontro do lugar. E por trás da casa? Um pé de caju, que quando botava, arqueava de fatura. Parece que eu eu tô vendo a cacimba, sou capaz de puxar da memória o balde subindo pela corda, enchendo a calha e a água caindo sobre nossas cabeça, dá quase para ouvir a algazarra, porque se tem uma mistura animada, é menino e água. Embaixo da frondosa sombra do pé de jatobá menor, ficava a conhecida pedra de lavar roupa, as mãos femininas no bater da roupa ritmava os dias. Ainda por cima, no meio dessa beleza toda, do lado esquerdo, morava a mais traquina das primas, Ângela.

No Compra Fiado, a vida era sustentada pelo que a terra dava. Quando a chuva chegava, o corre-corre era grande, preparar o terreno, cuidar do plantio e manter o roçado limpo, até a colheita findar com sua roupa verde de festa. As mulheres, além dos afazeres da casa, davam uma mãozinha ao marido na lida. Eu, pequena, ainda não ia pra roça, mas era comum que todos se envolvessem com a terra.



Numa certa tarde, que a princípio parecia uma tarde como outra qualquer, mamãe havia servido o almoço e enquanto mexia uma panela e outra, recomendava:

— Não saiam de casa e cuidem dos mais novos.

Eu e minha irmã mais velha, Sandra, já sabíamos de cor e salteado, tintim por tintim, tudo o que era necessário para nos manter em segurança. Não abrir a porta para nenhum desconhecido, se alguém chamasse? Nos fazer de surda. Também não podíamos brincar nos terreiros, certamente porque o tirador de “figo” de criança poderia aparecer do nada, nos enfiar num saco de estopa e nos carregar para sempre. Oh medo grande!

Era uma verdadeira tortura ter que passar a tarde inteira trancafiadas em casa, se era no terreiro que as melhores coisas aconteciam: pular amarelinha, pular-corda, manteiga derretida, se balançar nos galhos das árvores. Olhe, o meu tio tanto anunciou que o galho arqueado da mangueira iria quebrar, que um belo dia ele quebrou mesmo, oh boca! Tudo acontecia no terreiro!

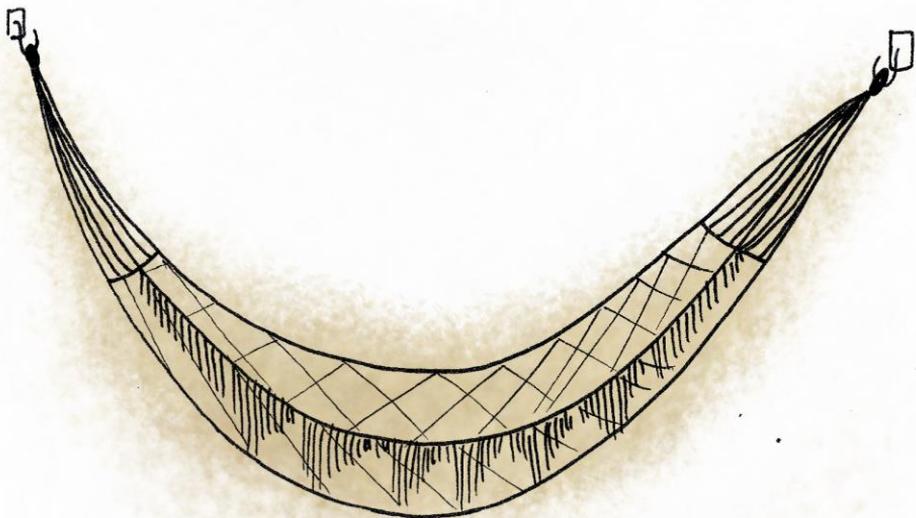
Nessa bendita tarde, não sobrou nada pra fazer. Foi quando brotou uma idéia na minha cabeça, de minha irmã e de Ângela: como a sala do santo era um cômodo mais espaçoso, achamos que era o lugar ideal para armar uma rede e brincar de se balançar. A idéia foi uma de nós sentar e as outras duas balançarem, para ser justo, cada uma de nós tinha a sua vez de balançar e de ser balançada. Repetimos a rodada algumas vezes e desarmamos a rede, mas as duas não se deram por satisfeitas e me desafiaram a ir só mais uma vez:

— Ei, minha gente, vamos mais uma vez!

— Eu não, mulher! Já tá bom, já tá bom.

— Deixa de ser besta, cuida, vamo!

— Vai, mulher, deixa de ser besta, tu vai primeiro!



Minha irmã bateu o pé e me convenceu a entrar de novo na bendita rede.

Eu entrei, e elas, uma em cada punho, me jogaram de um lado para o outro. Ainda consigo sentir o frio gostoso na barriga, que subia cada volta que a rede dava. Mais e mais, mais alto e mais rápido. Eu pra lá e pra cá, comecei a sentir meu corpo se descolando da rede, na mistura de coragem e medo, quase me acabei de rir. De repente... Plaft! Pois não é que eu descolei mesmo da rede? Mergulhei direto em busca do chão, de cabeça!!! Quando me levantei, constatei que o prejuízo tinha sido grande: os dois dentes da frente. Logo os da frente!

Ah! E agora? Pior do que os dentes era quando voltassem da roça. As meninas trataram logo de pensar numa desculpa para amenizar a possibilidade da gente esquentar os couros quando papai e mamãe voltassem da roça. Não tinha escapatória.

Enquanto isso, eu continuava sofrendo com a porteira aberta justo na minha boca, sofrida com o sorriso imperfeito que eu acabara de adquirir. Foi quando, por mistério, Sandra lembrou da sandália de salto alto e imediatamente criou uma narrativa inusitada para aquela situação. Quando mamãe chegou já corri para contar:

— Olhe mamãe, enquanto a gente brincava de aprender a andar de salto, eu rodopiei, o pé entortou, o chão sumiu, as pernas se enganchavam uma na outra, foi aí que eu bati a cabeça na parede. Não sei se foi sorte ou bondade de minha mãe, mas o certo é que nossos pais acreditaram e ninguém apanhou naquele dia. Por muitos anos, a versão real dessa história ficou guardada a sete chaves, no fundo de nossas memórias. Só quando, já adultas, esse segredo foi revelado, e agora, depois dessa noite, ele acaba de ser espalhado.





A segunda história que compõe o Produto desta pesquisa intitula-se “No sertão, a criança pesca com a mão”. A narrativa foi recolhida através do relato de memória de Silvaneide Rosa da Silva, 46 anos, irmã da pesquisadora. A colaboradora é cabeleireira por formação, mas atua como Auxiliar de Nutrição em uma Escola Estadual de Educação Profissional na cidade de Brejo Santo. A perspectiva explicitada através de sua narrativa traz a força transformadora de uma mulher que, com o seu afeto diante das tarefas cotidianas, torna o ato mais simples (uma pescaria em família) na mais saborosa das lembranças. Outro fato relevante é a figura paterna: na lembrança da colaborada, o pai é visto como um mestre, um ser mais sábio que ensina os segredos da vida aos seus filhos. Apesar de ser um momento um pouco cômico, mas , ao mesmo tempo trágico, a narrativa traz um conforto paternal, pode-se colocar assim.



No sertão, criança pesca com a mão

Das memórias da minha infância, as que trago com mais felicidade são aquelas da época das chuvas. O cheiro da terra molhada, a animação do povo para o plantio das roças, e as cheias que faziam o rio perto de minha casa transbordar, banhando as terras. Era uma imensidão de água que me fazia lembrar o mar que eu trazia na imaginação.

No sertão, criança pesca com a mão. A enxurrada de peixes que acabava se espalhando nas enchentes em busca de águas mais rasas, ajudava a pescaria da meninada. Era muito peixe, e eu adorava pescar! Papai costumava armar o galão nas partes mais profundas, enquanto eu e os meus irmãos, íamos para as mais rasas, as beiradas, onde nossas mãos ágeis assanhavam o mato coberto d'água. Com os peixes presos no mato, aquelas margens se tornavam local precioso para os que se atreviam. Vixe! Era bom demais. O resultado geralmente era um delicioso almoço, e peixe assado, o prato principal, acompanhado de um angu de milho moído, mexido cuidadosamente por mamãe, uma mulher que sempre fazia as coisas mais simples se tornarem as mais saborosas do mundo.

Numa dessas manhãs, acordei cedinho, era um daqueles dias de “casamento de viúva”, havia sol e chuva. Como de costume, papai passou a contar histórias do seu tempo de criança. Eu gostava daqueles momentos, a gente aprendia sobre a natureza, como cuidar da terra, e que dela era tirado o nosso sustento. As experiências dos mais velhos nos ensinavam quando a chuva estava perto de chegar ou quando ela ia se demorar.

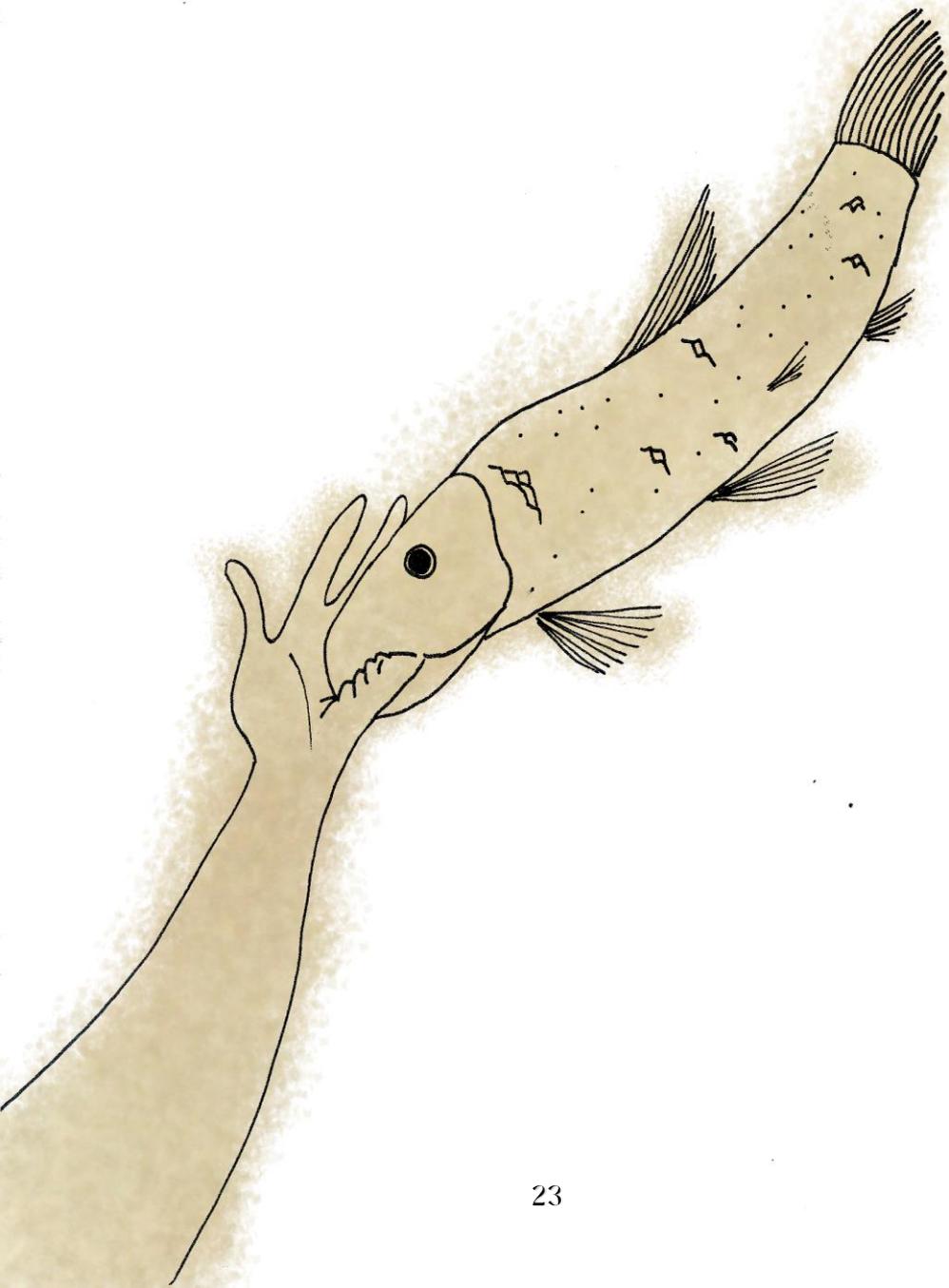


O sol já estava pendendo para o meio do céu quando, de repente, ouvi gritos estridentes que vinham do outro lado do riacho. Eram os meus primos que pescavam na boca do bueiro, por onde as águas passavam atravessando a estrada de terra. Parei um instante para entender melhor o que se passava, tentando descobrir o porquê de tamanha animação. Logo notei que se devia ao fato da grande quantidade de peixes que descia pela correnteza. Pensei: vou me posicionar um pouco abaixo, assim, os peixes que escaparem deles, por conta do barulho, ficarão presos entre os juncos. Vai ser fácil para eu pescar uma quantidade muito maior, se ficasse longe daquela gritaria dos primos.

Eu mal entrei na água e já senti os peixes batendo nas minhas pernas. Vocês acreditam? Procurei uma posição mais cômoda para ficar dentro d'água que, apesar de turva, me permitiu ver os peixes passando. Os juncos ajudavam a diminuir o ritmo do nadar dos peixes, já eu, cuidei para que a alegria diante da possibilidade de fazer a minha melhor pescaria, não me atrapalhasse a concentração. Um piscar de olhos, e vieram em minha direção duas belas traíras, baixei-me e pus as duas mãos na água.

Pois não é que eu consegui fisgar as duas bichas? Na pressa para pescar, acabei esquecendo que traíras possuem dentes bem afiados, abocanham com rapidez, e que é preciso muito cuidado.

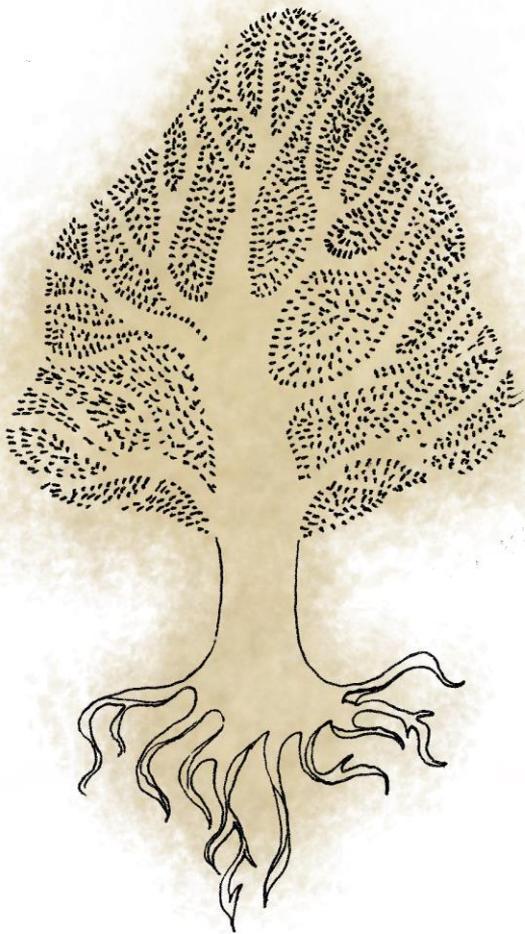
Ergui as mãos da água, e saí gritando por socorro. Uma traíra abocanhou meu dedão da mão direita, e o sangue foi escorrendo pelos braços. Quanto mais eu sacudia a mão, mais ela fincava os dentes no meu dedo! Mas não pensem que eu deixei a outra escapar. Fui gritando com a dor e, mesmo assim, consegui sair da água com as duas traíras. Meus irmãos ouviram os gritos, e correram para ajudar.



Com muito sacrifício, um deles conseguiu desgarrar os dentes da traíra fincados no meu polegar. Vocês nem conseguem imaginar o tanto que aquilo estava doendo, e o pior era a minha mão banhada de sangue. Quando a situação se acalmou, ganhei o direito de ir para casa, a fim de cuidar do ferimento. Fui carregando as duas traíras penduradas por um gancho de cipó feito por papai.

Em casa, mamãe lavou o meu dedo com um pouco da aguardente, em seguida, cuidou de limpar a pesca, salgou, e colocou ao sol para secar. À tardinha, ela acendeu o fogão à lenha, e tratou de deixar os peixes bem crocantes. Apesar da dor no dedão, valeu à pena. Foi um jantar e tanto! Fiquei muito orgulhosa das duas traíras que essa pescaria resultou, uma foi fisgada e a outra me fisgou.





Veridiane Rosa da Silva tem 42 anos, é a 10ª filha do casal Valdeci Rosa da Silva e Francisco Canuto da Silva (Seu Pingo), é mãe de Alan Silva, Viviane Silva e esposa de Alessandro Moura. Tornou-se professora, psicopedagoga e, atualmente, trabalha como Formadora Pedagógica de Professores da Secretaria de Educação Básica de Brejo Santo. Sempre foi apaixonada por histórias, especialmente as que ondulam até os seus ouvidos pela via da oralidade, na forma de causos, músicas e conversas sob uma árvore ou da luz das estrelas, nos terreiros do seu lugar: a Vila Compra Fiado. Foi no encontro da sua formação acadêmica com sua relação visceral com as histórias relatadas oralmente que as histórias surgiram. A narrativa que se segue é proveniente das memórias da própria autora. Traz a mulher, ainda criança, que sonha, mesmo diante das adversidades e faz destes sonhos/devaneios, aparentemente tão distantes, a sua força motriz. Aprendendo com seu pai como realizar os afazeres do plantio, ela encontra solo fértil não só para as manivas de macaxeira, mas também para as metas que rodopiavam, desde então, em sua cabeça - dentre as quais, inclusive, figurava a ampliação do acesso aos livros.



O sonho de voar

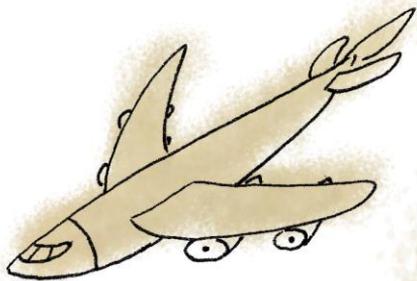
Há muito e muito tempo, em um tempo em que as horas passavam devagar, um pai ensinava a ciência do manejo da terra aos filhos e filhas. Dentre estes, havia a mais nova de todos, uma menina curiosa, de olhos vibrantes e cabelos cheios de cachos.

Um certo dia, quando aprendiam os segredos de como plantar macaxeira, de repente, ela escutou um intenso barulho vindo do céu. Assustou-se, mas, logo percebeu que se tratava de um avião que cruzava o sertão, voando um pouco abaixo das nuvens.

Seus olhos miraram naquela máquina voadora, que da terra parecia minúscula. Imediatamente sua cabeça foi sendo povoada por uma enxurrada de perguntas: Como algo tão pequeno pode levar tantas pessoas? Como é que ele se mantém no ar? Como deve ser estar numa máquina dessas?

Foi nesse instante que nasceu o sonho de viajar de avião. Com os pés fincados em terra firme, ela desejou voar.

Para uma criança que já era conhecida como “a menina que vivia com a cabeça nas nuvens” (justo porque costumava sonhar alto), aquele desejo de voar era mais um dos sonhos que colecionava: viajar pelo mundo, conhecer o mar, ver de perto as cidades com arranha-céus e conhecer pessoas diferentes. Tudo o que via em preto e branco na TV compartilhada na comunidade ganhava cores em seus desejos de ver de perto o vasto mundo. Sim, havia apenas uma TV para toda a comunidade...



A menina amava o seu lugar, amava intensamente, até porque sabia que na sua comunidade aconteciam as melhores festas de São João, as melhores rodas de histórias, as melhores partidas de futebol e as mais divertidas brincadeiras do mundo. Seu desejo era ir para o mundo, desde que sempre pudesse voltar.

A família inteira entrou naquele avião e, juntos, chegaram a uma cidade cheia de arranha-céus, grande e colorida, igualzinha àquela que “a menina que vivia com a cabeça nas nuvens” imaginava. Ao avistar a cidade do alto, as luzes pareciam estrelas, como se o céu estivesse abaixo dos seus pés... Essas coisas que só quem entende são as pessoas-crianças que andam com a cabeça nas nuvens.

Imediatamente ela lembrou daquela manhã ensolarada e do sonho plantado em seu coração, tal qual as macaxeiras que ela arrancava do seio da terra. Sentiu até o cheiro e o toque da terra revolvida pelo arado puxado pelo velho Tônico, o burro da família. Durante a sonhada viagem, entre as nuvens, ela lembrou emocionada do trabalho duro de seu pai na lavoura. Naquele instante, teve certeza de que os sonhos regados pelo trabalho podem tornar-se realidade, assim como acontece nas histórias. Tudo é possível, até mesmo voar.



*Histórias que nascem
embaixo dos pés de*
JATOBA

Universidade Regional do Cariri – URCA
Mestrado Profissional em Educação –
MPEDU

Crato – CE
2023

